

Quando a literatura soma ao jornalismo: a humanização nas narrativas de Eliane Brum¹

Nathalia Maciel CORSI²

Silvio DEMÉTRIO³

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

Resumo

Este trabalho teve como objetivo entender a prática do Jornalismo Literário na atualidade, a partir da análise de narrativas da jornalista Eliane Brum. O gênero em questão viabiliza a produção de reportagens aprofundadas, com uma postura humanizada, contrapondo-se ao jornalismo convencional. Foram selecionadas duas reportagens do livro *O olho da rua* que tratam sobre o nascimento e a morte. Na análise, foram identificados os elementos narrativo-literários que caracterizam cada um dos textos como exemplos do Jornalismo Literário. Pode-se perceber que a autora prioriza a humanização à medida que dá voz aos personagens e conta suas histórias. Além disso, de maneira criativa, a jornalista provoca no leitor a reflexão sobre importantes questões sociais.

Palavras-chave

Jornalismo Literário; Narrativa; Reportagem; Humanização.

Introdução

Este trabalho pretende discutir uma face da amplitude do jornalismo na atualidade, mais precisamente o Jornalismo Literário, a partir da análise de narrativas da jornalista e escritora Eliane Brum.

As reportagens dessa autora estão afinadas com o uso do gênero literário como um recurso para fazer um jornalismo diferenciado, o qual, segundo Lima (2009), é movido pela busca da compreensão dos episódios reais sob uma perspectiva integral, plena, que abraça tanto os aspectos factuais quanto os conteúdos subjetivos. Em complemento, Assis (2012) afirma que a obra de Eliane Brum, ao narrar “desacontecimentos” e dar voz a personagens anônimas, adquire relevância social.

A repórter segue métodos rigorosos de pesquisa, compromete-se a ouvir, a escutar de verdade, sem preconceitos. Aproveita ao máximo o privilégio da profissão: o de ver

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Recém graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), e-mail: natmcorsi@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina (UEL), e-mail: silviodemétrio@uel.br

primeiro, o de entrar nas casas, o de ouvir narrativas de vidas, do parto à vivência da morte, para depois transmitir aos leitores. Conforme descrito por Barcellos (2008, p.10), repórter de verdade, nas palavras de Eliane Brum, “atravessa a rua de si mesmo para olhar a realidade do outro lado de sua visão de mundo”.

O Jornalismo Literário é também conhecido por outras denominações, como Jornalismo Narrativo, Literatura da Realidade, Literatura Criativa de Não Ficção e Reportagem Autoral (VILAS-BOAS, 2008). Segundo definições de Lima (2014a), o gênero particulariza-se pelo uso de técnicas da literatura na captação, redação e edição de textos sobre a vida real. Em outras palavras, é uma modalidade que envolve a prática da reportagem em profundidade e do ensaio jornalístico, utilizando recursos oriundos da literatura, e apresenta como traços básicos imersão do repórter na realidade; voz autoral; estilo, precisão de dados e informações; uso de símbolos (inclusive metáforas); digressão e humanização.

A união entre o jornalismo e a literatura foi testemunhada em diferentes épocas, mas, segundo Lima (2009), viveu um período de notável desenvolvimento criativo com o novo jornalismo norte-americano entre os anos 1960 e 1970. Para o autor, o chamado *new journalism* representa uma tentativa bem-sucedida de nivelar o jornalismo à literatura em termos de qualidade narrativa.

Ainda segundo Lima (2014b), algumas técnicas literárias presentes no *new journalism* foram incorporadas no atual Jornalismo Literário, contribuindo para sua melhora. Entre elas, a construção cena a cena, que consiste no relato detalhado do acontecimento à medida que ele se desenvolve, desdobrando-o em uma projeção cinematográfica. É possível citar também o aproveitamento mais dinâmico do diálogo e das vozes das personagens, a variedade de focos narrativos e o uso de detalhes simbólicos na descrição das personagens e do ambiente.

Atualmente, estudiosos do jornalismo, afirmam que a profissão vive uma crise ética e de identidade. Marshall (2003) e Kucinski (2005) concordam que, em geral, o jornalista da era do neoliberalismo tem o senso crítico e a capacidade de reflexão anulados, submetese à lógica do mercado, defendendo seu emprego e salário. O jornalista perde, consciente ou inconscientemente, sua autonomia e desempenha mecanicamente as operações que dão forma ao universo da informação. De acordo com Pena (2011), jornalistas comprometidos com a sociedade têm seu espaço reduzido e vêm buscando alternativas, como o Jornalismo Literário.

Nesse cenário, a hipótese levantada neste estudo é a de que o gênero em questão viabiliza a produção de reportagens mais profundas, com uma postura humanizada, por meio da liberdade de estilo e abordagem avessa à dinâmica técnico-burocrática predominante hoje no jornalismo. Portanto, este estudo dedicou-se à análise de narrativas da jornalista Eliane Brum, a fim de demonstrar a possibilidade de articulação entre jornalismo e literatura na prática da reportagem.

Metodologia

No exercício da análise, foram identificados os elementos narrativo-literários que caracterizam cada um dos textos de Eliane Brum como exemplos do Jornalismo Literário. O recorte deu-se a partir da escolha das reportagens *A floresta das parteiras* e *A enfermaria entre a vida e a morte*, respectivamente publicadas em março de 2000 e em agosto de 2008 na revista *Época*. Ambas as reportagens integram a coletânea do livro *O olho da rua*, e sua escolha se justifica pelos temas abordados. Os textos selecionados incitam a reflexão sobre o valor da vida de pessoas comuns, do nascimento à morte.

Baseada na pesquisa *Marcas do literário nas reportagens de Eliane Brum*⁴, esta análise expõe as características do jornalismo literário e sua prática na produção da repórter. São apresentados traços básicos do Jornalismo Literário, exemplificados por meio de sua identificação no texto. Foram considerados os seguintes aspectos: criatividade, compromisso social, imersão do repórter na realidade, profundidade da reportagem, simbologia, exatidão e precisão, estilo e voz autoral, humanização e narração de histórias.

Resultados e discussão

Bem a seu estilo, Brum utiliza recursos do Jornalismo Literário para elaboração das matérias, tornado-as mais atrativas. A criatividade da jornalista fez com que quatro dias passados na Amazônia resultassem não só em um relato sobre a tradicional profissão das parteiras da floresta, como também realçassem a forma como a questão do parto é tratada no país na contemporaneidade. Já ao levantar a reflexão sobre a morte, Brum teve a sacada criativa de abordar o fim da vida que a maioria das pessoas vivencia – não aquele factual, estampando cotidianamente na mídia.

⁴ Análise feita para o Trabalho de Conclusão de Curso da autora deste artigo, intitulado *Do nascimento à morte: a humanização nas narrativas de Eliane Brum*.

Não trabalhei com a questão da morte que a imprensa costuma tradicionalmente cobrir, a morte violenta. Mas a morte que a maioria de nós vai ter, que não será com uma bala perdida, acidente, assassinato, mas pela idade, por alguma doença, a morte que é tão calada na sociedade.(MARTINS, 2010)⁵

Além disso, Eliane cumpre seu papel social; seja divulgando e esclarecendo uma prática médica alternativa, menos invasiva e mais humanizada, para cuidar da vida de pacientes que estão na iminência de morrer; seja apontando a falta de reconhecimento profissional para as parteiras no Brasil, o que implica na inexistência de benefícios como férias, décimo terceiro salário e aposentadoria.

Há, ainda, outras questões que denotam o compromisso social exercido pela jornalista em suas reportagens. Eliane não trata a prática das parteiras como algo rudimentar e arcaico, mas como um procedimento simples, de baixo custo e que dá certo; em oposição às cesáreas que envolvem profissionais especializados, alta tecnologia e elevados custos, com riscos maiores de morte materno-infantil. Denuncia também que o valor maior repassado aos médicos pelo SUS, somado ao tempo reduzido gasto com o procedimento, pode estar relacionado ao elevado número de cesarianas que são realizadas no país, muitas vezes por indução e conveniência médica.

Em *A enfermaria entre a vida e a morte*, Brum traz à tona um tema de grande discussão na área médica: os limites da prática médica diante do fim da vida. A repórter confronta duas posições assumidas pelos médicos diante da impossibilidade de cura do paciente: o prolongamento de sua vida a um alto preço, tanto em recursos financeiros quanto custo pessoal, por procedimentos invasivos e dolorosos; ou o seu abandono. Vale destacar que, por ocasião da elaboração da matéria, os cuidados paliativos não eram bem aceitos nos hospitais brasileiros, eram tidos, segundo aponta Brum, como uma ideia “subversiva”. Apenas em agosto de 2011, três anos após a reportagem ter sido publicada, o Conselho Federal de Medicina reconheceu a Medicina Paliativa como especialidade no Brasil⁶. E um ano depois, em setembro de 2012, o mesmo conselho instituiu as Diretivas Antecipadas de Vontade⁷, também conhecidas como Testamento Vital.

⁵ Eliane Brum em entrevista concedida a Eliane Martins para o portal *ABL online*. Entrevista – Eliane Brum – a colecionadora de prêmios. 05 fev. 2010. Disponível em: <http://www.abi.org.br/entrevista-eliane-brum/>. Acesso em: 17 outubro 2014.

⁶ Disponível em <http://www.inca.gov.br/wps/wcm/connect/agencianoticias/site/home/noticias/2011/medicina_paliativa_agora_e_especialidade_reconhece_conselho_federal>. Acesso em 17 outubro 2014.

⁷ Disponível em <<http://www.conjur.com.br/2012-set-04/testamento-vital-permite-paciente-decida-tratamento>>. Acesso em: 17 outubro 2014.

Com relação à imersão do repórter na realidade, um ponto interessante é o respeito dado por Eliane à linguagem própria das parteiras. O que as personagens dizem evidencia elementos de sua personalidade e da cultura em que estão inscritas. Outros traços demonstram o envolvimento da repórter no assunto a ser tratado e o relacionamento estabelecido com as personagens. Além da subjetividade e de impressões próprias, pode ser identificada a grande riqueza de detalhes no relato dos acontecimentos. O contato entre os leitores e as personagens é dado unicamente através da mediação da repórter; mas quem lê tem a impressão de ter assumido o lugar da jornalista e vivido as situações descritas.

Uma das marcas que evidenciam a profundidade de uma reportagem, e o quanto ela é pautada em um tema que diz respeito à contemporaneidade e não apenas em um assunto factual, é a sua permanência no tempo. Em *A Floresta das Parteiras*, os dados estatísticos citados na reportagem original certamente foram eliminados da reportagem para publicação no livro em 2008, visando à perenidade do texto, diferentemente das reportagens convencionais, que em sua maioria caem no esquecimento no dia ou na semana seguinte. Os números atuais comprovam que o Brasil continua sendo o país das cesarianas como denomina Eliane Brum – as taxas cresceram, inclusive. Tiraram-se, portanto, os números, mas o assunto permanece vigente.

Na reportagem realizada na Enfermaria de Cuidados Paliativos do Hospital do Servidor Público de São Paulo, também pode ser afirmada a imersão da repórter. Para a produção das reportagens da coletânea *A vida até o fim*, na qual *A enfermaria entre a vida e a morte* se insere, Eliane Brum revelou⁸ que chegou a reunir 400 páginas de *Word* com dados que vão desde transcrição de entrevistas até anotações sobre o que observou, o que sentiu, o que percebeu. Para escrever a coletânea, Eliane acompanhou os últimos 115 dias de vida de uma paciente e, no mesmo período, a rotina da Enfermaria de Cuidados Paliativos, a qual visitava sempre às sextas-feiras. Nesta reportagem, Eliane Brum revela com maestria o caráter humanizado e a profundidade de suas narrativas, incitando o leitor a refletir sobre um tema universal e atemporal, mas ainda considerado tabu: a morte.

Para compreender o funcionamento da Enfermaria de Cuidados Paliativos e apreender pontos de vista variados sobre a morte, Eliane Brum estabeleceu contato com pacientes, familiares e equipe de atendimento (médicos, enfermeiras, auxiliares de enfermagem e psicóloga). A partir do testemunho dessas personagens, o tema central da reportagem é ramificado, podendo ser abordado sob diferentes perspectivas pela autora.

⁸ Em entrevista à Francisco de Assis (ASSIS, 2012, p.13) no dia 24 de julho de 2012.

Nota-se, inclusive, que Brum criou entre títulos para organizar o texto, diante da amplitude de assuntos tratados. A jornalista admite, em entrevista a Assis (2012, p. 13), sua busca por uma escrita “que se compromete a não reduzir a complexidade do real”, e consequentemente, não subdimensionar a “complexidade da vida”.

Nas reportagens de Eliane Brum, além de meio, a linguagem é marca de expressividade. Ao contrário de outros produtos jornalísticos, que apresentam uma linguagem objetiva e concisa, seus textos exploram diferentes possibilidades de emprego conotativo das palavras. Em *A floresta das parteiras*, o encadeamento das ideias na narrativa se estabelece permeado por figuras de linguagem. Ao caracterizar uma das parteiras, por exemplo, BRUM (2008a, p.19) trata a quantidade de rugas de seu rosto de maneira poética, comparando-a com o número de estrelas no céu. Não deixa de afirmar, também, que suas personagens são analfabetas, mas valoriza outro tipo de sabedoria, ao indicar que elas “leem a mata, a água e o céu”. Ainda sobre as parteiras, constrói uma bela metáfora: “Esculpidas por sangue de mulher e água de criança, suas mãos aparam um pedaço do Brasil”. Se referindo à morte, na outra reportagem, Brum (2008b) atribui características humanas a ela, como se pode notar no trecho “Por isso, talvez, a morte tenha se tornado tão envergonhada. Ela nos lembra daquilo que gostaríamos de esquecer” (p.60). A partir da simbologia, as coisas são reinterpretadas e ditas de maneira nova.

Os símbolos de status de vida presentes nos dois textos, por sua vez, permitem ao receptor construir sua própria imagem do ambiente que é narrado. No caso da reportagem sobre as parteiras, são detalhes que ajudam a compreender a condição de vida dessas mulheres, humildes e aguerridas, como é possível notar no exemplo abaixo.

Do interior da floresta, elas vão surgindo tímidas, silenciosas. De pés no chão, sandálias de borracha. São pobres, as parteiras. Muitas nem dentes têm. Outras só comem farinha de tapioca. Ajudar a humanidade a vir ao mundo nunca lhes rendeu um tostão. “O que eu mais queria nesta minha vida era uma cama bonita”, suspira Cecília Forte, 66 anos, que nunca conheceu outro pousado para o corpo que não fosse uma rede de algodão. (BRUM, 2008a, p. 32-33)

Eliane Brum faz uso de técnicas e recursos literários para escrever suas reportagens, mas sem deixar de lado a apuração e a observação minuciosa. Para que o produto final de seu trabalho seja fidedigno à realidade, está envolvida uma série de procedimentos como captação de dados, checagem, investigação e entrevistas. Eliane, fiel à exatidão e à precisão, afirma a importância de, principalmente quando se trata da narração de histórias

de vida, deixar claro ao leitor que pode haver limitações e contradições entre os fatos. Isso porque as histórias contadas são interpretações pessoais da realidade. “O que é importante de ser checado, eu preciso dar um jeito de checar; mas em outras matérias é importante que aquela seja a verdade daquela pessoa (...) com as contradições que vão aparecendo” (BAZZO, 2011, p.86)⁹. Na reportagem sobre a enfermaria, por exemplo, Eliane brinda o leitor com informações importantes, traçando o histórico do surgimento da prática de cuidados paliativos no exterior, no Brasil e na própria enfermaria. Tais informações explicitam a pesquisa aprofundada que foi feita e a preocupação da jornalista em contextualizar o objeto da narrativa.

Adicionalmente, a atuação da jornalista *in loco* foi primordial para captar sutilezas, como conversas e cenas do cotidiano das personagens envolvidas, gestos e expressões faciais, detalhes do ambiente e outras características que tornam as personagens e o espaço retratado palpáveis ao leitor; ou seja, possibilitam a narração de histórias, a partir da descrição cena a cena e da construção de diálogos significativos.

Dorica crava os pés nus no chão sempre que alcança o destino e acocora-se entre as pernas da mulher. Alexandrina abraça o corpo da gestante com as pernas, por trás. Das entranhas do corpo feminino Dorica nada arranca, apenas espera. “Puxa” a barriga da mãe endireitando a criança, lambuzando o ventre com óleo de anta, arraiá ou mucura (gambá) para apressar as dores. Perfura a bolsa com a unha se for preciso e corta o cordão umbilical com flecha se faltar tesoura. (BRUM, 2008a, p.21)

Este recorte do texto exemplifica a capacidade da narrativa construída por Eliane Brum de provocar no leitor a sensação de estar inserido na cena; de ter participado do momento relatado; de ser uma testemunha do acontecimento. A transcrição de diálogos, por outro lado, é utilizada para complementar o entendimento do leitor e transmitir maior veracidade. O diálogo é usado também como recurso que confere dinâmica à narrativa. Nas reportagens de Brum aparecem vários exemplos, como o que vem abaixo.

Um residente afirmou: “Acho que como médico não podemos fazer mais nada nesse caso. É só tratamento humanitário”. A médica Juliana Monteiro de Barros reagiu: “E o que é humanitário para você?”. O residente disse: “É garantir que ele vá embora com dignidade, sem dor, sem falta de ar, rodeado por quem ele gosta”. Ela então provocou: “E isso não é ser médico?”. (BRUM, 2008b, p. 60)

⁹ Eliane Brum em entrevista concedida a Gabriela Santos Bazzo (BAZZO, 2011, p.86), no dia 6 de junho de 2011, em São Paulo.

Todas as características do Jornalismo Literário consideradas nesta análise encontram-se de maneira significativa nas reportagens, contudo a força das narrativas deve-se claramente à humanização do relato. Esta é a proposta de Brum: narrar histórias fortemente centradas em seres humanos, costurando com honestidade sua busca de compreensão acerca das realidades sociais e humanas.

Na reportagem sobre as parteiras, é através de personagens reais, suas ações e seus mundos que a autora conduz o texto. A narrativa é formada por fragmentos da história de Dorica, de 96 anos e que apesar de ter ajudado mais de 2 mil índios a vir ao mundo, não completou nenhuma gestação nas 16 vezes que engravidou; de Jovelina, que aos 77 anos conta o episódio em que estreou como parteira e que, apesar da pobreza escancarada por não saber se ao final do dia terá o que comer, anuncia que escolheu ser feliz; de Rossilda, de 63 anos, mulher que fala através de cantigas e tem uma fiel companheira para ajudá-la nos partos: Angelina (apenas em espírito, já que a amiga é falecida); de Tereza, de 51 anos, parteira desde os 16 e que usa expressões em francês, aprendidas com as amigas da Guiana Francesa; e de Juliana, de 92 anos, cuja única filha morreu ao parir um filho, mas deixou outros nove para a mãe criar. Essas histórias de vida incluem algumas caracterizações físicas, morais e psicológicas das personagens. Todas essas características mostram fontes que são tratadas como personagens, marca da construção de um jornalismo que busca, na ação humana, a forma de conhecer o mundo.

Não só fatos objetivos, mas a vida subjetiva e emocional das personagens é um importante elemento a ser considerado também na reportagem da enfermaria. Ao longo da narrativa, são descritos os anseios, sentimentos e a relação personagem-mundo, aspectos que cumprem o importante papel de gerar empatias. A tarefa do repórter ao perfilar uma pessoa, principalmente desconhecida, como se propõe o trabalho de Eliane Brum, é fazer com que os leitores se percebam dentro das histórias de vida narradas. Não há necessariamente identificação com as condições de vida das personagens, mas as narrativas humanizadas instigam os leitores a se colocarem no lugar do outro como forma de sensibilizá-los e aproximá-los das questões tratadas na reportagem. Conquistar a empatia do leitor por personagens favorece outro propósito do Jornalismo Literário, que é gerar, sempre que possível, narrativas sintonizadas com a ideia de transformação.

A reportagem de Eliane Brum coaduna com o conceito de narrativas de transformação, uma vez que vai além da mera constatação e relato de problemas como faz a imprensa convencional, buscando focalizar soluções possíveis ou exemplos motivadores.

No mínimo, a jornalista consegue tirar a estranheza do leitor para com o diferente e o desconhecido, por costurar com honestidade e sob uma ótica ampla seu desejo de compreensão acerca das realidades sociais e humanas.

A enfermaria entre a vida e a morte é um exemplo de que a reportagem pode ser esclarecedora a ponto de mudar a concepção do leitor sobre o assunto abordado. No desenrolar do texto em análise, Eliane desmistifica a visão negativa existente com relação a esta ala hospitalar, temida e conhecida como “enfermaria da morte”. De fato, nela são acolhidos pacientes portadores de doenças graves, com mínimas chances de cura, muitos em fase terminal. O que Brum (2008b, p.58) nos relata, no entanto, tem mais “cara de vida”. “Vivenciam-se pequenas e grandes cenas, há sempre alguém rindo, contando uma história”.

Quem entra num dos nove apartamentos da Enfermaria pode sentir um insólito cheiro de morango. Parece fora de lugar, ninguém pensa que o fim da vida combina com frutas tão exuberantes. O cheiro vem da cabeça do paciente. E é xampu de motel. A regra foi criada pelas enfermeiras e auxiliares: quem namorar tem que trazer o kit xampu, condicionador e pente para os pacientes. Assim, lá às vezes a morte tem um cheiro afrodisíaco. Cada apartamento é individual e tem duas camas, para que o doente nunca fique sozinho e o acompanhante não precise se aboletar num daqueles sofazinhos que acabam com a coluna. Às 8h30 de uma manhã, pela janelinha da porta, era possível ver o casal dormindo na mesma cama – de conchinha. (BRUM, 2008b, p. 66)

Nessa mesma reportagem, Eliane Brum se posiciona frente às várias questões relativas à vida e à morte. Observa-se, inclusive, que a jornalista se inclui nas reflexões acerca do tema tratado no texto, fazendo uso da narração na primeira pessoa do plural. Brum se inclui ao falar da impotência do ser humano diante da morte - “a morte nos confronta com a questão fundamental do nosso limite” - (2008b, p.6), ou quando fala sobre o modo como a morte é encarada pelas pessoas na contemporaneidade:

Começamos a morrer no exato instante em que começamos a viver. E hoje estamos mais mortos do que estávamos ontem. Mas, atualmente, mais do que em qualquer período histórico, vivemos a morte como uma experiência marginal. Ela se passa, de preferência, oculta dentro do hospital. Nossa dor, quando perdemos alguém, deve ser superada rapidamente, de forma asséptica como um procedimento cirúrgico, sem barulho e sem perturbar os amigos. (BRUM, 2008b, p.59).

Quando se observa as adaptações feitas na reportagem para a publicação no livro *O olho da rua*, que permite maior liberdade para o emprego de recursos literários, nota-se que

a jornalista se coloca como personagem na história contada, utilizando a narração na primeira pessoa do singular.

eu vou ao quarto dar adeus pra Yolanda, que já não pode falar. Então entendo o que Veruska tentou me explicar. E, quando deixo o hospital, essa combinação de vida e morte me acompanha. Tomo uma cerveja sozinha, por Yolanda, pelo bebê da Veruska – e por mim. (BRUM, 2008a, p. 374).

A forma a qual Brum escolhe narrar as histórias que tecem suas reportagens diz respeito a seu estilo e a sua voz autoral. O diferencial da obra da jornalista está na construção de uma narrativa com marcas subjetivas, a partir da utilização de recursos de observação e redação inspirados na literatura. Segundo Bulhões (2007), no jornalismo dito imparcial e objetivo, o jornalista não assume o seu texto como construção, e sim como um relato objetivo da realidade, radicalmente oposto à expressão literária.

Ao identificar a sua presença no texto, fica claro que Eliane Brum se comporta como um “narrador literário”, conforme observa Santos (2013). A autora constroi o seu texto utilizando recursos da literatura e põe-se distante do jornalismo informativo que se considera neutro frente à realidade descrita. Os elementos literários viabilizam que a jornalista lide com questões diversas, sempre tratando a realidade com delicadeza e sensibilidade.

Considerações finais

A reflexão acerca da reportagem de Eliane Brum sinaliza que o diferencial da jornalista precede o momento de escrever o texto. Este é consequência da postura que esta assume durante cada etapa de produção. A principal delas é, sem dúvida, o contato com o entrevistado. Através da análise escolhida para este trabalho, percebe-se que Eliane Brum instiga o leitor a refletir sobre o início e o fim da vida, experiências que deveriam ser menos mecanizadas e mais naturais. Valendo-se da interação entre as narrativas jornalística e literária, a repórter valoriza as fontes, que passam a se comportar como personagens para a construção de um jornalismo humanizado. As personagens são singularizadas ao serem contextualizadas em seu cotidiano - vivido na floresta ou na enfermaria - e, ao mesmo tempo, tornam-se universais, considerando-se o fascínio existencial pela vida e pela morte.

A partir da produção de narrativas do real, Brum identifica problemas da sociedade atual e aponta alternativas e soluções viáveis. Suas reportagens transcendem a notícia em

busca de uma compreensão mais profunda da realidade. Embora a jornalista incorpore conteúdo informativo, procura trabalhar também os aspectos subjetivos que cada tema envolve e que geralmente são deixados de lado na prática do jornalismo.

Ao preferir personagens anônimas, Eliane aceita que a vida da maioria é importante. Assim, demonstra o seu compromisso social; o interesse com o coletivo, e não com o particular; com a realidade comum a muitos dos que formam a sociedade. O texto revela então, um fazer que prioriza a humanização, que significa trazer o ser humano para o foco dos acontecimentos, dando voz às personagens, mostrando suas angústias e sentimentos, provocando no leitor empatia, identificação e projeção.

Observa-se também que a linguagem é posta em primeiro plano. Não importa apenas o que é dito, mas a maneira como é dito faz toda a diferença. O fato de a produção de Brum ser altamente premiada e obter grande aceitação do público revela que há espaço, sim, para a grande-reportagem na era da informação em abundância e das notícias em tempo real. Seus textos apresentam o caráter singular comum às obras literárias.

Por meio da narração de histórias de vida de pessoas comuns, preconceitos podem ser rompidos, excluídos podem ganhar visibilidade, problemas sociais podem ser denunciados e os direitos dos cidadãos podem ser reivindicados. Para a autora, o jornalismo vale a pena, entre outras razões, porque ela própria se vê transformada por aquilo que faz. Deixar-se transformar, recriar-se a cada reportagem, é a receita para a prática de um jornalismo comprometido e apaixonante, que nos estimula a fazer das reportagens, instrumentos de mudança.

Referências

ASSIS, Francisco de. Personagens anônimos e histórias de interesse humano: a relação entre fonte e formato no jornalismo de Eliane Brum. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXV, 2012, Fortaleza, anais.

BARCELLOS, Caco. Prefácio. In: BRUM, Eliane. **O olho da rua**: Uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008. p. 9-12.

BAZZO, Gabriela Santos. Jornalismo dos invisíveis: os diferenciais no jornalismo de Eliane Brum. Florianópolis, 2011, 89 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina – sob orientação do Prof. Dr. Jorge Kanehide Ijuim.

BRUM, Eliane. **O olho da rua**: Uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008a. 424 p.

_____. A enfermaria entre a vida e a morte. **Época**, São Paulo, n. 529, 18 ago. 2008b, p. 56-66.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007. 216 p.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo na era virtual**: ensaios sobre o colapso da razão ética. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Editora UNESP, 2005, 144 p.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura - 4. ed. - (Ed. rev. e ampl.). – Barueri, SP: Manole, 2009a. 470 p.

_____. Conceitos. Academia Brasileira de Jornalismo Literário. Disponível em: <www.edvaldopereiralima.com.br>. Acesso em: 3 maio 2014a.

_____. Memória do Futuro: Jornalismo Literário Avançado no século XXI - 2. **Inovcom**, vol 6, n. 1, p.12-23, 2014b.

MARSHALL, Leandro. **Jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Editora Summus, 2003. 172 p.

MARTINS, Eliane. Entrevista – Eliane Brum – a colecionadora de prêmios. **ABI Online**, 05 fev. 2010. Disponível em: <<http://www.abi.org.br/entrevista-eliane-brum/>>. Acesso em: 17 outubro 2014.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. – 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2011. 142 p.

SANTOS, Kássia Nobre dos. **Quando a fonte vira personagem**: a análise do livro-reportagem *a vida que ninguém vê* da jornalista Eliane Brum. 2013. 113 folhas. Dissertação de Mestrado (Área de Concentração em Leitura e Cognição) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2013.

VILAS-BOAS, Sergio. Introdução ao livro **Jornalismo & Literatura**, de José D. de Brito (org.), volume 3 da série Mistérios da Criação Literária, editora Novera, 2008.